

RICHARD ZIMLER

OS DEZ ESPELHOS DE BENJAMIN ZARCO

Tradução de Daniela Carvalhal Garcia

As Peças do Mosaico

| | |
|--|-----|
| Ela só teve uma oportunidade..... | 13 |
| Os mortos são da mesma opinião..... | 65 |
| Variações sobre Uma Melodia Antiga | 129 |
| O alfaiate que vertia o que não conseguia pôr em palavras..... | 189 |
| George encontra o seu perdão | 283 |
| O espelho que sangrava | 373 |

Ela só teve uma oportunidade (2007)

O sorriso

Depois da morte da minha mãe, o meu pai parava às vezes no meio da rua, encolhia a cabeça entre os ombros e dava meia-volta, num movimento lento e desconfiado, procurando com os olhos um perigo iminente. O pai tinha setenta e seis anos na altura – e era pequeno, magro e frágil. A minha mulher insistia que ainda conseguia discernir uma agilidade otimista na sua maneira de andar, e o meu filho George, de nove anos, numa tentativa igualmente esforçada de me reconfortar, dizia que o avô parecia um daqueles velhotes fantásticos que todos os anos competiam na Maratona de Boston.

Já eu, de cada vez que respirava, hesitante e com dificuldade, era como jurasse nunca aceitar a injustiça de a mãe ter partido com apenas sessenta e quatro anos.

Na manhã a seguir à morte dela, o pai trouxe o velho leitor de cassetes para a cozinha antes de preparar o café e começou a ouvir uma entrevista que ela fizera a um cantor sefardita de Istambul de quem se tornara amiga. Uns minutos mais tarde, foi ter comigo à cerca do jardim, nas traseiras da casa. Trazia a tigela de papas de aveia que eu deixara para trás, numa tentativa desesperada de me afastar da voz alegre da minha mãe. Passou-ma para as mãos e disse:

– Desculpa, Eti, mas não vou ser capaz de seguir em frente sem ouvir a tua mãe todas as manhãs. Por isso, tem paciência.

Três dias depois do funeral, quando o pai e eu atravessávamos o parque de estacionamento da sua sucursal bancária, vi-o parar e olhar atentamente em volta, com os punhos cerrados.

– Estás à procura de um fantasma ou de um velho inimigo? – perguntei.

– Que queres dizer com isso? – respondeu com brusquidão, franzindo as sobrancelhas em V, para que eu percebesse que a pergunta era disparatada.

As sobrancelhas do meu pai eram autênticas lagartas peludas. Quando eu era miúdo, por vezes tinha a sensação de que me julgavam sem piedade, especialmente quando me atrevia a fazer-lhe perguntas sobre a sua infância na Polónia.

– Pareces convencido de que alguém perigoso vai aparecer por aqui a qualquer momento – disse-lhe, num tom que tentei fazer passar por indiferente.

– Por aqui por onde? – perguntou.

Em vez de responder «Não faço a mínima ideia», varri com a mão o espaço que abarcava o centro comercial, o parque de estacionamento, a Willis Avenue e tudo o que normalmente consideramos a realidade.

– Oh! – disse ele, sacudindo a ideia com um gesto, como se a minha versão da realidade não contasse grande coisa, mas também teve um arrepio, e foi então que um trinco familiar se abriu dentro de mim, e senti que o tempo abrandava até parar completamente, e cometi o velho erro de me debruçar sobre os seus olhos negros, enormes e rasos de água, durante demasiado tempo; quando vi que ele começava a respirar com dificuldade, senti as lágrimas aflorarem-me aos olhos. Foi então que comecei a pensar que ele era mesmo um corredor de maratonas, e não só ele, mas eu também. «Tenho andado a correr atrás de ti, meu velho maluco e fugidio, desde talvez os meus oito anos», pensei, «tentando apanhar-te o passo enquanto procuras um sítio seguro para te esconderes!»

Em resposta à pergunta preocupada que se seguiu, disse-lhe que era o vento gelado que me arrancava lágrimas dos olhos. Também lhe aconcheguei o cachecol de lã à volta do pescoço e dei-lhe um beijo na testa.

Os filhos dos sobreviventes do Holocausto aprendem desde muito cedo a esconder a irritação, não há dúvida.

Durante todo o tempo que passámos no banco – enquanto ele

preenchia o talão de levantamento, se metia com a nossa caixa favorita, Lakshmi, bebia um café com o diretor da sucursal e dava um saltinho à casa de banho dos funcionários –, não consegui parar de imaginar o meu pai como um garoto de onze anos apavorado, encostado à vitrina da loja de alfaiate onde passava as tardes, dentro do gueto de Varsóvia, à espera de que os pais voltassem para casa.

O meu pai está sempre a classificar as casas de banho públicas segundo o seu grau de limpeza, mas desta vez não teceu comentários.

– Não reparei em nada – respondeu, quando lhe pedi o relatório.

Mas recuperou a energia assim que Lakshmi lhe foi buscar outra chávena de café. Adorava café mais do que qualquer outra pessoa que eu tenha conhecido – até aquela aguadilha que se fazia no banco. Lambia os beiços depois de cada gole como se de mel se tratasse – e também para conseguir o sorriso aberto de Lakshmi.

Eu admirava a forma como ele encantava toda a gente, mesmo agora, depois de a mãe morrer, e o à-vontade com que tagarelava com o diretor do banco, Ed, sobre a temporada de basebol que se avizinhava, o casaco aberto revelando a camisola da Universidade do Utah, oferta de um amigo, sem se ralar minimamente com os buracos e o colarinho esgarçado.

Quando Ed me lançou o olhar habitual, disse ao pai que estava na hora de deixar os seus amigos voltarem ao trabalho de acumular lucros.

Em miúdo, costumava matutar em como teriam sido os pais do meu pai. A partir de umas pistas que ele dava, acabei por os imaginar como versões chupadas e desalmadamente famintas de Edward G. Robinson e – quem iria acreditar? – de Barbara Streisand.

Porquê Barbara Streisand? O pai dizia que a mãe dele costumava cantar enquanto limpava o apartamento. Certa vez, cantou-me um trecho da canção preferida dela. Uns tempos depois, a minha mãe disse-me o nome: *Złociste Chryzantemy. Crisântemos de Ouro.*

O meu pai tinha uma suave voz de barítono, mas só cantava quando ficava um pouco «bebido», ou quando havia uma cerimónia na sinagoga em que tivéssemos de participar num salmo ou num hino. Dava-me sempre a impressão de que ele acreditava que demonstrar muita felicidade ou amor em público podia levá-lo a ser

escolhido para ir para os fornos – embora essa especulação tenha acabado por se revelar ligeiramente ao lado.

A letra da *Złociste Chryzantemy* começa assim: «Tenho crisântemos de ouro numa jarra de cristal pousada no piano, um bálsamo para o desgosto e a saudade.» De vez em quando, dou comigo a cantar esse verso. A minha própria voz parece-me uma forma de desafio – em relação ao modo como o mundo tentou manter-nos separados, ao meu pai e a mim.

Ao voltarmos os dois para o carro, atravessando o parque de estacionamento, apertei-lhe o botão de cima do sobretudo e ele sorriu-me – um sorriso retraído e agotado, destinado a disfarçar aquilo em que estava realmente a pensar.

O Sorriso, como eu e a minha mãe lhe chamávamos.

Terá o meu pai aprendido a escudar-se atrás de um sorriso no dia em que entrou no gueto, em novembro de 1940, ou só quando os pais dele foram metidos à força num transporte para Treblinka, um ano e nove meses depois? Nunca perguntei; aprendi a não o reconduzir ao apartamento acanhado e quase sem luz, num rés do chão do gueto, onde vivia com o pai e a mãe.

Depois de os pais desaparecerem, e até 7 de abril de 1943, dia em que ele fugiu – ou seja, durante oito meses a fio –, o meu pai encostava-se à janela da Alfaiataria Willi, no terceiro andar do seu prédio de apartamentos na Rua Koszykowa. Nos primeiros dois meses, o primo Abe ia ter com ele e às vezes jogavam xadrez. Depois, Abe foi apanhado e levado pelos nazis.

O pai só me contou a história muito por alto; foi a minha mãe quem me deu os pormenores.

O pai teve a sorte de escapar no momento certo: a Sublevação do Gueto de Varsóvia começou doze dias depois de terem conseguido tirá-lo de lá à socapa, e seria muito pouco provável que sobrevivesse às batalhas sangrentas que os judeus travaram contra os nazis.

Abe era um ás no xadrez. Aos treze anos, conseguira empatar contra o grande Paulin Frydman.

– Tenho a certeza de que teria obtido o título de Grande Mestre – garantia-me o meu pai sempre que o assunto vinha à baila.

O alfaiate Willi já tinha desaparecido quando levaram Abe. Saíra

para comprar pão e cigarros no dia 6 de agosto de 1942 e nunca mais voltara.

As janelas do terceiro andar de Willi proporcionavam ao pai uma vista bem ampla sobre todo o quarteirão, e ele achava que dali conseguiria ver os pais assim que virassem para a Rua Koszykowa.

Willi fizera a sua aprendizagem em Saville Row, em Londres, e insistia em falar inglês com o meu pai porque dizia que os judeus não tinham futuro na Polónia e que, se quisesse sobreviver neste mundo, o meu pai teria de aprender a falar como um cavalheiro inglês.

O pai tinha quase a certeza de que Willi fora um dos quinze mil judeus que haviam feito fila para uma falsa distribuição gratuita de pão organizada pelos nazis no dia 6 de agosto, tendo em seguida sido metidos à força num vagão de mercadorias para Treblinka.

Duas semanas antes, aquele alfaiate elegante e de cabelo com-prido, um autêntico *dandy*, passara a tesoura para as mãos do meu pai e ensinara-lhe a cortar tecido de lã. Foi nesse momento que ele decidiu seguir-lhe as pisadas.

Cada tecido tinha a sua personalidade, explicara-lhe Willi: a lã era renitente mas generosa, o algodão direto e verdadeiro, o linho complicado e enganador, mas muitas vezes cómico.

Não me admirava nada que todos os sobreviventes tivessem aprendido a manter os filhos e as filhas à distância com um sorriso como o do meu pai. Facilmente o apuraria, bastando-me para isso passar algum tempo com os cinco veteranos de Auschwitz e de Treblinka que frequentavam a nossa sinagoga, sempre de olhos aguados e a contar anedotas, mas eu evitava-os; chegava-me aquele judeu velhote que calava as minhas perguntas sobre a sua juventude com um trejeito das sobranceiras e uma amostra d'*O Sorriso*.

Um plano dentro do sofrimento

A bisavó do meu pai, Rosa Kalish, era uma famosa casamenteira, oriunda da cidade polaca de Garwolin. O meu pai também nascera lá, mas a família mudara-se para Varsóvia quando ele tinha apenas dois anos. Rosa foi morta em Treblinka em maio de 1943, com noventa e

três anos. Antes da sua morte, a família e os vizinhos achavam que ela era a mulher mais idosa do gueto de Varsóvia. E provavelmente uma das mais pequenas. Quarenta e dois quilos – era esse o peso de Rosa quando foi levada pelos nazis.

– E se ela era escanzelada... – disse-me uma vez o pai, com uma risada curta e seca que me pareceu maldosa, coisa pouco usual nele. – Tinha as costelas salientes, como... como as vigas dos navios romanos. Dos... Qual é a palavra certa?

– Galeões.

– Galeões... isso mesmo!

Quando eu andava na universidade, uma amiga cuja mãe sobrevivera a Bergen-Belsen disse-me que essa risada do meu pai não era propriamente uma risada.

«Como é que não percebeste isso?», gritou-me, e a única coisa que me ocorreu dizer-lhe foi o que julguei ser a verdade:

«Acho que tive medo de saber mais sobre o que lhes tinha acontecido, a ele e à bisavó.»

O apelido de Rosa era Zarco. Os seus antepassados do lado do pai tinham imigrado de Portugal, dizia ela, e era por essa razão que sabia falar ladino. Era também por isso que lhe tinham posto o nome de Rosa e não Róza. As suas feições lembravam uma raposa, e tinha o cabelo prateado e curto. As mãos eram afetuosas e esguias.

O meu pai sabia o peso de Rosa porque o pai dele, pediatra, insistia em fazer-lhe um *check-up* todas as semanas, a ver se conseguia engordá-la com o queijo e o *schmaltz* que cobrava aos pacientes como pagamento.

Mas engordar Rosa não resultou, contou-me o meu pai. Imagino que talvez por ela oferecer os petiscos carregados de calorias que o neto pediatra lhe dava a outras pessoas – ao meu pai, muito provavelmente. Talvez também aos primos dele, Abe, Esther e Shelly. Além do meu pai, Shelly foi a única pessoa da família que sobreviveu à guerra.

Há quatro meses, depois da tentativa de suicídio do meu pai – se é que foi isso –, Shelly segredou-me em tom conspirativo que a refeição preferida deles no gueto era pão de centeio barrado com *schmaltz*. Embora Shelly não tenha dito que aqueles petiscos lhes eram

dados por Rosa, foi o que deu a entender quando levou o dedo aos lábios e me avisou que não repetisse aquilo ao meu pai.

– Ele vai aos arames se percebe que sabes! – segredou-me.

O meu avô costumava pedir ao meu pai que subisse para a balança logo a seguir a Rosa, mas ele sempre me disse que não se lembrava do peso que tinha. Mesmo assim, imagino que também tivesse as costelas salientes como as vigas de um galeão romano, porque certa vez o ouvi contar à minha mãe que quando comeu uma batata cozida com molho de natas azedas, numa ocasião em que encontrou refúgio em casa de uns amigos cristãos, do outro lado do muro do gueto, vomitou, pois o estômago não estava habituado a tanta comida.

O meu pai chamava-se Benjamin, em honra do meu bisavô, o marido de Rosa, que morrera muitos anos antes, mas toda a gente da família lhe chamava Benni ou *Katchkele*, que em iídiche quer dizer «patinho».

Depois de fugir do gueto, passou oito meses escondido na zona cristã de Varsóvia – grande parte do tempo a ler à luz de uma vela, numa alcova sem janelas. Em dezembro de 1943, os seus salvadores, Piotr e Martyna – velhos amigos da mãe –, enrolaram-no num tapete e levaram-no para um esconderijo mais seguro no campo, onde ficou a viver com uma professora de piano sem filhos chamada Ewa. Ela tricotou-lhe um magnífico pulôver azul que ainda hoje ele guarda na gaveta da roupa interior, embora tenha a certeza de que não é suposto que eu saiba.

Rosa nunca queria fazer o seu exame semanal, mas acabava sempre por concordar, porque se apercebeu de que isso dava esperança ao neto – ao pai do meu pai.

Quanto ao motivo que levava o neto, Adam, a insistir em pesá-la, Rosa explicou-o ao meu pai:

– Ele descobriu um plano dentro do sofrimento.

– O que quer dizer com isso? – perguntara o meu pai.

– Uma estratégia.

– E que estratégia é essa?

– Manter a avó e o seu *Katchkele* vivos o tempo suficiente para conseguirem sair daqui. E não seria muito simpático da nossa parte gorar-lhe os esforços, não te parece?

Acha mesmo?

Depois de se reformar, o meu pai começou a estudar a cabala todos os dias, com a ajuda de um professor de Misticismo Judaico da Universidade da Califórnia. Sempre que eu ia a casa dele, entrava à socapa no quarto e dava uma olhadela nos textos esotéricos que ele empilhava sobre a secretária em torres periclitantes, perguntando a mim próprio que diabo procuraria ele.

Na mesinha de cabeceira repousavam sempre as *Grandes Correntes da Mística Judaica*, da autoria do seu herói, Gershom Scholem, que, sozinho, ressuscitara o interesse pela cabala entre os estudiosos e os judeus praticantes nos anos 40 e 50 do século passado. O texto tinha dezenas de páginas vincadas no canto e tantas anotações a lápis – inclusive minúsculas ilustrações que o meu pai fazia dos animais mitológicos descritos por Scholem – que, uma vez, lhe disse que devia publicar uma versão anotada. Ele riu-se, trocista, e respondeu que nunca frequentara a universidade, que ninguém estaria interessado nas suas opiniões e que, de qualquer forma, as observações que fazia eram mesmo só para si.

O pai nunca acreditou muito nas suas capacidades intelectuais, embora a mãe sempre tenha dito que a avaliação que ele fazia dos seus artigos sobre música sefardita continha uma visão e uma profundidade tais que jamais se atreveria a publicar fosse o que fosse sem a aprovação do marido.

Certa vez, quando os dois estavam de férias nas Bahamas, dormi em casa deles numa das minhas idas a Nova Iorque e li de fio a pavio as centenas de anotações nas margens das *Grandes Correntes da Mística Judaica*. Um comentário em particular, escrito a lápis azul, chamou-me a atenção: «Acha mesmo, senhor Scholem?»

A frase ao lado da anotação dizia: «A longa história do misticismo judaico não evidencia qualquer vestígio de influência feminina.»

Durante essa estada também encontrei outro livro na mesinha de cabeceira do pai; intitulava-se *A Religião Grega na Época Clássica e Arcaica*, de Walter Burkert. O meu pai passava a vida a ler coisas sobre os antigos gregos. Quando eu tinha os meus cinco ou seis

anos, disse-me que numa vida passada trabalhara na Biblioteca de Alexandria.

– E que trabalho fazias? – perguntei-lhe. Íamos de mãos dadas a caminho da escola.

– Nada de importante; limitava-me a manter tudo arrumado e limpo – respondeu, como se fosse a coisa mais natural do mundo acreditar nisso.

– Gostavas de lá trabalhar?

O seu rosto iluminou-se.

– Céus, se gostava! Podia ler todos os pergaminhos que me apetecesse e era fluente em grego e egípcio. À hora de almoço ia nadar no Mediterrâneo. Água quente, mulheres bonitas, sol, cerveja, bons livros... Eti, eu tinha tudo o que queria!

Dessa breve lista de delícias, descobri a visão que o pai tinha do paraíso. E a mim também me parecia muito boa, mas uns dias depois apercebi-me de que a lista não me incluía; fiquei transtornado com isso durante anos, embora hoje tenha vergonha de o admitir.

Enquanto o meu pai estava no hospital a recuperar da *overdose* de Valium, eu ia a casa dele, sentava-me na sua cama e punha-me a pensar quando lhe dariam alta. O único livro que encontrei sobre a mesinha de cabeceira, além das *Grandes Correntes da Mística Judaica*, foi o *Vieram como Andorinhas*, um romance que lhe oferecera havia pouco tempo. Na primeira página, ele tinha escrito em iídiche: «Presente do Eti. Escrita excelente – demasiado boa, na verdade.» A seguir, entre parênteses, uma nota para a minha mãe: «Tessa, acho que o autor compreenderia a enorme saudade que tenho de ti.»

Vieram como Andorinhas, de William Maxwell, é um romance sobre um rapaz cuja mãe, que ele adorava, morrera na epidemia de gripe espanhola de 1919. Talvez devesse ter dado ao meu pai um livro mais alegre, mas ele já me tinha dito muitas vezes que preferia as tragédias.

«Assim que me começa a cheirar a final feliz, procuro logo uma porta para fugir», foram as suas palavras exatas.